



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**



**VIVIANE CARDOSO DE BRITO**

**IDENTIDADE E ESCRIVIVÊNCIA: A VULNERABILIDADE DA MULHER NEGRA  
NOS CONTOS “MARIA” E “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS  
BRINQUEDOS” DA OBRA “*OLHOS D’ÁGUA*” (2014), DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**PARNAÍBA**

**2025**

**VIVIANE CARDOSO DE BRITO**

**IDENTIDADE E ESCRIVIVÊNCIA: A VULNERABILIDADE DA MULHER NEGRA  
NOS CONTOS “MARIA” E “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS  
BRINQUEDOS” DA OBRA “*OLHOS D’ÁGUA*” (2014), DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, como pré-requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Licenciada em Letras-português.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Esp. Iramí Soares Mineiro

**PARNAÍBA**

**2025**

B862i Brito, Viviane Cardoso de.

Identidade e escrevivência: a vulnerabilidade da mulher negra nos contos "Maria" e "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos" da obra "Olhos d'água" (2014), de Conceição Evaristo / Viviane Cardoso de Brito. - 2025.

46 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Licenciatura em Letras Português, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2025.

"Orientadora: Profa. Esp. Iramí Soares Mineiro".

1. Olhos d'água. 2. Identidade. 3. Escrevivência. 4. Vulnerabilidade social. 5. Mulher negra. I. Mineiro, Iramí Soares . II. Título.

CDD 801.95

**VIVIANE CARDOSO DE BRITO**

**IDENTIDADE E ESCRIVIVÊNCIA: A VULNERABILIDADE DA MULHER NEGRA  
NOS CONTOS “MARIA” E “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS  
BRINQUEDOS” DA OBRA “*OLHOS D’ÁGUA*” (2014), DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, como pré-requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para a obtenção do título de Licenciada em Letras-português.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Esp. Iramí Soares Mineiro

Monografia aprovada em 12 /06 /2025

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Esp. Iramí Soares

Mineiro

Orientador(a): Prof(a).

Dra. Shenna Luíssa Motta

Rocha

1º Examinador(a): Prof(a).

Me. Wagner dos Santos

Rocha

2º Examinador(a): Prof(a).

Dedico este trabalho a Deus e à Nossa Senhora, minha fonte diária de força para seguir em frente; aos meus pais, por sempre acreditarem em mim; e à Viviane de 2020, que não imaginava viver tantos momentos intensos ao longo destes quatro anos de graduação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e à intercessão de Nossa Senhora, por sempre escutarem as minhas orações, por me concederem coragem e discernimento, por jamais me deixarem sozinha e, acima de tudo, pelo imenso amor que têm por mim.

Aos meus pais, Domingos e Joaquina, que, apesar da falta de oportunidade, estudaram apenas até a quarta série e, por conhecerem de perto as dificuldades de uma vida sem estudo, sempre acreditaram no poder transformador da educação. Por isso, sonham comigo os meus sonhos e me incentivam todos os dias a superar as adversidades e a nunca desistir do meu propósito.

Ao meu irmão, Vinícius e à minha irmã, Maria Clara, pela parceria de sempre.

Aos meus avós, Francisca e Raimundo, pelo apoio ao longo do percurso. E aos meus outros avós, *in memoriam*, José Maria e Raimunda, que já não estão mais neste plano, mas sei que, onde quer que estejam, estão felizes por mim.

Às minhas afilhadas, Aylla Pyetra e Misrraely, as crianças que apareceram para alegrar a minha vida durante a graduação. Eu sou muito feliz por ter vocês comigo.

Ao meu namorado, Guilherme, por sempre acreditar em mim mesmo quando eu duvidava da minha capacidade, pela dedicação, paciência e por ser meu porto seguro.

Às minhas amigas, Karine, Maria e Tainara, por dividirem a vida comigo nestes quatro anos. Vocês se tornaram a minha família em Parnaíba. Somente nós sabemos o que vivemos aqui. Somos merecedoras de tudo o que conquistamos e do que ainda vamos conquistar.

À minha orientadora, Iramí Soares Mineiro, por me guiar em todo esse processo, pela profissional e ser humano incrível que é, por cada palavra e ensinamento nos momentos de medo. Obrigada pela parceria de sempre!

A todos os professores do curso de Licenciatura em Letras-Português, por toda dedicação e momentos de aprendizagens.

A todos os meus amigos que a graduação me proporcionou fazer, em especial a Julianny, Natália Emanuela e Rônedý, por todos os momentos que vivemos juntos entre bons e ruins. Vocês tornaram o processo mais leve.

E, por fim, agradeço a mim pela minha determinação e coragem de deixar minha família na minha cidade, Cocal dos Alves, para viver o meu sonho em Parnaíba ao lado de pessoas incríveis.

“É justo que muito custe o que muito vale”

Santa Teresa D’ávila

## RESUMO

O presente trabalho fundamenta-se na justificativa de que, após a abolição da escravatura em 1888, os negros acreditavam que estariam, enfim, livres. Por mais que não tivessem mais donos, a liberdade foi limitada, como no caso da mulher negra, que saiu da senzala para a casa grande continuando servindo o patrão. Assim, essa pesquisa foi configurada com o objetivo geral de analisar, a partir das falas das personagens dos contos “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, a vulnerabilidade da mulher negra, como fator determinante da sua formação de identidade revelada através da escrevivência. Como objetivos específicos, propõe-se: analisar a obra *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo, destacando a fragilidade das personagens Maria e Benícia, explorando os conceitos de identidade e escrevivência no contexto social e histórico; refletindo sobre a vulnerabilidade da mulher negra como obstáculo à sua ascensão social. A metodologia desenvolvida foi de cunho bibliográfica. Inicialmente, o primeiro capítulo dedicou-se à apresentação da escritora Conceição Evaristo. Com ênfase em sua trajetória de vida e atuação profissional, bem como à introdução da obra *Olhos d’água* (2014), que constitui o objeto de análise deste estudo. Em seguida, o segundo capítulo analisa dois contos da obra *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo, destacando a valorização da individualidade e da memória vivida de Maria e Benícia. Por fim, o terceiro capítulo discute a vulnerabilidade social e suas implicações, evidenciando como ela dificulta a ascensão da mulher negra a partir das falas e ações das personagens analisadas. Utiliza-se como aporte teórico Barros; Balisa (2017), Cortês (2018), Cuti (2010), Cruz (2020), Figueiredo; Pinto (2013), Gonzales (2019), Hall (2003), Montgomery (1997), Pereira; Lisboa (2019), Ribeiro (2017), Santos; Silva (2022), Silva (2023), Scott (2018), Vasconcelos (2022), Viana (2021), Zinani (2006) e entre outros. Após a análise, se observou que Conceição Evaristo, por meio da escrevivência na Literatura Afro-brasileira, busca valorizar a resistência da comunidade negra e desconstruir estereótipos sociais, evidenciando que escrever é um ato de narrar vivências coletivas marcadas por dores e conquistas, como exemplificado nos contos de *Olhos d’água* (2014).

**Palavras-chave:** *Olhos d’água*; Identidade; Escrevivência; Vulnerabilidade social; Mulher negra.



## ABSTRACT

This study is based on the justification that, after the abolition of slavery in 1888, Black people believed they would finally be free. Although they no longer had owners, their freedom was limited—especially in the case of Black women, who, despite leaving the slave quarters, continued to serve their masters in the big house. Thus, this research was developed with the general objective of analyzing, through the speeches of the characters in the short stories “Maria” and “Zaíta forgot to put away the toys,” the vulnerability of Black women as a determining factor in the construction of their identity, as revealed through the concept of *escrevivência*. As specific objectives, this study proposes: to analyze the work *Olhos d’água* (2014), by Conceição Evaristo, highlighting the fragility of the characters Maria and Benícia; to explore the concepts of identity and *escrevivência* in their social and historical context; and to reflect on the vulnerability of Black women as an obstacle to their social mobility. The adopted methodology is bibliographical in nature. Initially, the first chapter is dedicated to presenting the writer Conceição Evaristo, with an emphasis on her life path and professional work, as well as an introduction to the book *Olhos d’água* (2014), which serves as the object of analysis in this study. Next, the second chapter analyzes two short stories from *Olhos d’água* (2014), by Conceição Evaristo, highlighting the importance of individuality and lived memory in the characters Maria and Benícia. Finally, the third chapter discusses social vulnerability and its implications, showing how it hinders the social advancement of Black women, based on the words and actions of the characters analyzed. Theoretical support includes works by Barros and Balisa (2017), Cortês (2018), Cuti (2010), Cruz (2020), Figueiredo and Pinto (2013), Gonzales (2019), Hall (2003), Montgomery (1997), Pereira and Lisboa (2019), Ribeiro (2017), Santos and Silva (2022), Silva (2023), Scott (2018), Vasconcelos (2022), Viana (2021), Zinani (2006), among others. After the analysis, it was observed that Conceição Evaristo, through *escrevivência* in Afro-Brazilian literature, seeks to value the resistance of the Black community and to deconstruct social stereotypes, showing that writing is an act of narrating collective experiences marked by pain and achievements, as exemplified in the short stories of *Olhos d’água* (2014).

**Keywords:** *Olhos d’água* (2014); Identity; *Escrevivência*; Social vulnerability; Black women.

## LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1: Fotografia de Conceição Evaristo .....	13
Ilustração 2: Capa da obra <i>Olhos d'água</i> .....	17

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 BIBLIOGRAFIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COM ÊNFASE NA OBRA <i>OLHOS D'ÁGUA</i>.....</b>	<b>12</b>
1.1 CONCEIÇÃO EVARISTO.....	12
1.2 PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	14
1.3 <i>OLHOS D'ÁGUA</i> .....	16
<b>2 IDENTIDADE E ESCRIVÊNCIA NOS CONTOS EM ESTUDO .....</b>	<b>22</b>
2.1 MARIA .....	22
2.2 ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS .....	26
<b>3 A VULNERABILIDADE SOCIAL DA MULHER NEGRA.....</b>	<b>32</b>
3.1 VULNERABILIDADE SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES .....	32
3.2 A MULHER NEGRA NO CONTEXTO DA VULNERABILIDADE SOCIAL .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Após a abolição da escravatura no Brasil, em 1888, os negros esperavam ser de fato livres por direito. De certa forma houve liberdade, pois agora eles não tinham mais donos. No entanto, o que tivemos foi uma mudança de lugar: se antes a mulher negra vivia na senzala, agora ela vai viver na cozinha do patrão servindo a todos da casa. É notório que, mesmo em liberdade, ainda ocupava uma posição de desigualdade perante a classe opressora. Nessa perspectiva, a figura feminina negra é retratada nas obras literárias, a opressão, a desigualdade, a luta cotidiana pelo direito de vez e voz. Assim, esta pesquisa de cunho bibliográfico tem como objetivo analisar, a partir das falas das personagens femininas, Maria e Benícia, dos contos “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, respectivamente, a vulnerabilidade da mulher negra, como fator determinante para a formação de sua identidade revelada através da escrevivência.

Nesse sentido, analisa-se o contexto geral da obra *Olhos d'água*. Atentando para a fragilidade representada na vida das personagens, em especial, Maria e Benícia. Pontua-se também o fenômeno identidade e escrevivência, descrevendo-se como ele ocorre no âmbito social e histórico nos contos em estudo. Por fim, reflete-se sobre a vulnerabilidade social vivida pela mulher negra como entrave para a ascensão social.

*Olhos d'água*<sup>1</sup> é uma narrativa composta por quinze contos, dos quais, nove são protagonizados por mulheres e abordam a vida sofrida da mulher negra; mãe que cuida dos filhos sozinha e precisa submeter-se a situações e perigos do dia a dia para sobreviver. Conceição Evaristo traz à tona questões sobre a desigualdade racial e social, violência, fome e abandono. Essas características mostram o quanto ela luta pelo reconhecimento da população negra na sociedade afirmando que: “A nossa escrevivência<sup>2</sup> não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2017).

Este tema é relevante, pois visa investigar a vulnerabilidade da mulher negra dentro do contexto social em que está inserida como fator decisivo para a construção da sua identidade. De forma que analisaremos como as dificuldades sociais enfrentadas no cotidiano moldam a figura feminina negra para a vida em sociedade. A partir desse estudo, intenciona-se contribuir para os estudos em Literatura Afro-Brasileira como fator predominante para temas relacionados

---

<sup>1</sup> *Olhos d'Água* é uma coletânea de contos publicada em 2014 por Conceição Evaristo, que tem como foco as experiências de mulheres negras no Brasil, entrelaçando temas como marginalização, resiliência e identidade.

<sup>2</sup> Escrevivência é um neologismo criado pela autora brasileira Conceição Evaristo, que combina as palavras “escrever” e “vivência”. Refere-se ao ato de escrever a partir das experiências vividas, especialmente as de mulheres negras, com o objetivo de afirmar identidade, resistência e memória.

à vulnerabilidade da mulher negra de forma positiva. Ou seja, dando vez e voz para essa comunidade, que tanto já foi excluída e explorada, e cujas vivências têm muito a nos ensinar.

No que tange à metodologia, esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, pois “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde livros, revistas, teses etc” (Marconi e Lakatos, 2003, p. 183). Quanto aos procedimentos, uma vez que o conhecimento da obra já é público, assim como o tema, optou-se por um procedimento exploratório; o que justificou a necessidade de uma abordagem inicial mais ampla e aberta para a familiarização com os principais conceitos, contextos e abordagens relacionadas ao objeto de estudo. A abordagem do problema é do tipo qualitativa, pois não necessita de técnicas estatísticas e tem como objeto de análise a obra referida anteriormente e como aporte teórico: Cortês (2018), Gomes (2005), Ribeiro (2017), Silva (2023), Vaconcelos (2022), Zinani (2006) entre outros autores que serão estudados ao longo da pesquisa.

Em relação à estrutura da monografia, tem-se o primeiro capítulo que vai abordar sobre a vida e obra da autora, destacando aspectos importantes do livro que fundamenta na vida real da escritora. Em seguida, o segundo capítulo discorrerá sobre a construção da identidade e escrevivência da mulher negra no âmbito social e histórico pertinentes nos contos em estudo. Por último, no terceiro capítulo com base na leitura dos contos, será feita reflexão sobre como a vulnerabilidade social da mulher negra torna-se um entrave para a ascensão social.

## 1 BIBLIOGRAFIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COM ÊNFASE NA OBRA *OLHOS D'ÁGUA*

Neste capítulo será feita a apresentação da escritora em estudo – Conceição Evaristo, relatando sobre a sua história de vida e profissional. Além do mais, será feita uma breve apresentação do livro *Olhos d'água*, obra que será analisada neste trabalho.

### 1.1 CONCEIÇÃO EVARISTO

A escritora Maria da Conceição de Evaristo Vieira nasceu em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946. Filha de pais honestos e trabalhadores, mas sofrendores da disparidade social brasileira. De origem humilde, Conceição morava em uma das favelas da cidade com sua família, mas em um certo momento foi morar com Maria Filomena, a tia Lia, a qual ela tinha uma condição melhor que a de sua mãe. Assim, a escritora conseguiria uma melhor oportunidade para estudar, se alfabetizar e desbravar o mundo da Literatura escrita. Todo o seu percurso estudantil foi em escolas de rede pública. Humilde e sensata, Conceição sempre gostou de ouvir as pessoas e em sua casa não era diferente, o contato com a literatura oral começou cedo, sua mãe e tios contavam histórias e vivências do cotidiano. Conforme ela comenta no I Colóquio de Escritoras Mineiras, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais:

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espaço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papeis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze 17 anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações [...] (Evaristo, 2010, p. 15).

Dessa forma, percebe-se que a força de vontade dela foi maior do que qualquer dificuldade e desigualdade social. Em 1976, iniciou o curso de Letras na Universidade Federal

do Rio de Janeiro – UFRJ, mas concluiu somente em 1989, pois precisou se afastar para viver a maternidade de Ainá, sua filha. Em seguida, deu continuidade aos estudos, em 1996 tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO. Tornou-se doutora em Literatura Comparada em 2011, pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

**Ilustração 1** – Fotografia de Conceição Evaristo.



Fonte: Plataforma Afrofile. Disponível em: <https://www.afrofile.com.br>. Acesso em: 13 mar. 2025.

No que tange à vida familiar, Conceição não tem boas memórias do pai. Ele foi um pai ausente e, quem tem esse título na sua vida, é o padrasto Aníbal. Ele assumiu responsabilidades que seriam do pai e amenizou a ausência da figura paterna. Além disso, ela também considera a sua tia Lia como sua segunda mãe. Toda essa rede de apoio e as significantes figuras maternas em sua caminhada a fortaleceu muito para enfrentar as adversidades e injustiças, bem como seguir em frente com o coração cheio de amor e a certeza de que tinha uma família que a amava muito:

E, quando a gente fala em função materna, a gente está dizendo a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito para a criança brasileira, (...). A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem (Gonzales, 2019, p. 249-250).

Desde cedo, vendo como a família se desdobrava para colocar o sustento dentro de casa, Evaristo decide começar a trabalhar para tentar ganhar algum trocado e contribuir para a

renda familiar. Então, ela ajuda sua mãe nas lavagens e entregas das roupas as patroas, levava os filhos dos patrões para a escola, porém esse tempo comprometia o seu rendimento na escola e por vezes trocava serviços domésticos por aulas particulares. Mesmo tendo que conciliar os estudos com o trabalho doméstico, isso não foi um sacrifício para ela, pois sempre gostou de ajudar as pessoas.

No entanto, tudo o que ela e sua família faziam para sobreviver era pouco, pois viviam em uma sociedade marginalizada. Além dos perigos da rua que se colocavam todos os dias, tudo o que arrumavam era somente para sobreviver. Não tinham empregos fixos e muito menos salários dignos. Sobretudo ainda sofriam preconceito, desigualdade e injustiça social. Enquanto ela e sua família só queriam sobreviver como qualquer outra pessoa, trabalhando de forma digna, mas sempre rejeitados pela sociedade e sendo alvo de críticas. Vale ressaltar, que:

É importante atentar para a resistência de Conceição Evaristo diante de tantos obstáculos para que ela pudesse exercer sua arte literária. A luta pela sobrevivência, por direitos básicos como comida e moradia, a busca por uma formação digna, a insistência em produzir literatura mesmo em um campo literário dominado por preconceitos e hierarquizações que não conferem à mulher, sobretudo se ela for negra, o status de escritora, são lutas que infelizmente não foram travadas apenas por Conceição Evaristo (Vasconcelos, 2022, p. 18).

Essa linha do tempo da autora demonstra as dificuldades que ela precisou atravessar para conseguir o seu lugar de doutora em Literatura Comparada com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), estabelecendo assim uma conexão com o tema dos contos escolhidos para analisar neste trabalho.

## 1.2 PRODUÇÃO LITERÁRIA

As contribuições literárias de Conceição Evaristo para a literatura afro-brasileira são de valores inestimáveis. É impossível ser substituída, tanto no que tange às obras quanto à sua história de vida. Afinal, suas criações literárias são resultados de sua experiência de vida e das histórias de sua família, que se transformaram em escrevivência. Ao passo que escreve a obra, escreve também uma parte de si, uma parte do que passou em sua vida, pois conforme Figueiredo, Pinto:

As memórias são relevantes para se conhecer muito mais que suas vidas, porque elas foram testemunhas de todo um mundo... e, ao mesmo tempo,



resgata a experiência de um grupo de pessoas que passaram pelas agruras (Figueiredo; Pinto, 2013, p. 51).

A autora fez de sua vivência a representação da história de várias outras pessoas negras espalhadas pelo mundo. Assim, ela afirma também: “Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo” (Evaristo, 2005, p. 35). Nesse sentido, ela se coloca como a protagonista de suas escrituras e como principal alvo de discriminação negra no corpo social, ao mesmo tempo que representa em suas narrativas tantas outras mulheres negras:

Significativas foram as contribuições trazidas pelo trabalho da Crítica Feminista, que possibilitou dar mais visibilidade à literatura feminina, a mulher passou de mera personagem da literatura masculina para um sujeito participante na produção crítica e literária. Também vale salientar o quão árduo foi e é o caminho literário para as autoras negras. Isso explica porque hoje se tem acesso à literatura produzida por mulheres, como é o caso de Conceição Evaristo (Barros; Balisa, 2017, p. 77).

Nessa perspectiva, como uma grande apreciadora da cultura negra, inicia o percurso como escritora em 1990, publicando pela primeira vez contos e poemas na série *Cadernos negros*. Adquirindo leitores que também apreciavam a literatura negra, Conceição investe nas suas escritas a temática do preconceito racial, de gênero e social, mobilidade urbana, crianças em extrema pobreza etc.

Buscando mostrar e visibilizar cada vez mais o processo histórico e social da mulher negra, publicou em 2003 o romance *Ponciá Vicêncio*. O livro teve boa repercussão recebendo elogios e críticas do público. Ele é considerado o livro mais famoso de toda a sua coletânea, tanto que foi cobrado em vários vestibulares e ainda hoje segue sendo objeto de estudo para pesquisa em diversos trabalhos acadêmicos. Em 2006, torna público o livro *Becos da Memória*, sem perder a essência daquilo que almeja mostrar ao público, a obra vai tratar da vida na favela e de todos os impasses que se passam naquele lugar. Com ênfase na figura feminina negra, o principal alvo de discriminação racial, mas também a principal figura que representa à resistência da desigualdade.

Em 2007, a Host Publication lança nos Estados Unidos a tradução da obra *Ponciá Vicêncio* para o inglês. A partir disso, a obra e a autora ganham visibilidade mundial. Com o impulsionamento da carreira, em 2008, publica *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém a mesma temática das outras obras: injustiça social, escrita em um tom poético

próprio da autora. Além disso, *Cadernos negros* alavanca e torna-se mais conhecido na sociedade.

Cada avanço e reconhecimento a impulsionava a lutar pelos direitos de vez e voz da mulher negra e assim, em 2011, publica *Insubmissas lágrimas de mulheres*, um livro de contos em que trata a questão de gênero em um ambiente marcado pelo racismo e superioridade masculina. É uma obra conhecida e bastante utilizada em pesquisas acadêmicas. Em 2014, torna pública *Olhos d'água*, também uma obra de contos sobre várias temáticas como violência, pobreza e desigualdade. *Olhos d'água* é a obra objeto de estudo desta pesquisa, a qual será percorrida com mais detalhes no próximo subtópico. Outrossim, nem só de romance vive Evaristo. Em 2016, ela publica o livro de ficção *Histórias de leves enganos e parecenças*. Em 2023, Evaristo lança o conto *Macabea, flor de mulungu*, no qual interage com a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Nesse sentido, é importante destacar que, em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a “Ocupação Conceição Evaristo”, não como uma premiação formal, mas como um reconhecimento simbólico de sua história de vida e de sua contribuição à literatura brasileira. Em 2018, foi concebida com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pela coleção de sua obra. Ainda sobre premiações, em 2023 foi homenageada com o Prêmio Intelectual do Ano, atribuído pela UBE – União Brasileira de Escritores. Suas obras já foram traduzidas em vários países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Vale ressaltar, que se tornou membro da Academia Mineira de Letras em março de 2024, ocupando a posição 40.

### 1.3 OLHOS D'ÁGUA

A obra *Olhos d'água* (2014), publicada pela editora Pallas, é uma coleção de contos que trata sobre temas do cotidiano e experiências de pessoas negras marginalizadas. Além do mais, a obra, composta por 15 contos, foi vencedora do prêmio Jabuti em 2015. A autora traz narrativas que retratam experiências humanas. Nos contos, Evaristo revela a rotina diária da vida da mulher negra no Brasil.

Os contos trazem narrativas sobre pessoas negras que se submetem todos os dias a riscos e a qualquer tipo de violência para poder levar o sustento para suas famílias. Nesse contexto, em alguns contos a autora coloca como título o nome da personagem, como uma forma de enfatizar a força e a coragem daquelas que passaram por tantas violências, mas que nunca desistiram de lutar por sua vida e de sua família. Como exemplos temos: Ana Davenga,

Maria, Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos, Natalina e Ayoluwa. Além do mais, o objetivo da obra é mostrar a construção da identidade da mulher afro-brasileira para o mundo, por meio da exposição de acontecimentos do dia a dia, como a violência física, moral e psicológica sofrida. Dado que, Evaristo diz que: “A questão negra não é uma questão para o negro resolver, a questão indígena não é para o índio resolver. São questões para todos os brasileiros pensarem” (Evaristo, 2016). Sendo assim, a obra se desenvolve através de ocorrências vivenciadas principalmente pela mulher negra, em especial Maria e Benícia, personagens que estudaremos nesta pesquisa.

**Ilustração 2** – Capa da obra *Olhos d’água* (2014).

Fonte: EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Capa. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.



Nos contos “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” é possível notar a presença de Maria e Benícia reféns da segregação social, vítimas do preconceito racial, do sexismo, fome, pobreza e abandono. Figuras femininas que têm sua identidade construída ao longo do processo da vida, mas com várias lacunas — lacunas que as destroem todos os dias. Entre essas ausências, o que mais se sobressai é o medo. O medo de falhar como mãe, mulher e filha. O medo alimentado todos os dias pela sociedade que possui vez e voz para isso. Nesse contexto, temos Maria, após mais um dia de trabalho, voltando para casa, pensando nos restos de comida que sobraram que estava levando para os filhos, como aquilo ia deixá-los felizes, e como ela também ficaria feliz sabendo que os filhos comeriam melão pela primeira vez. No entanto, quando menos espera é surpreendida por um assalto dentro do ônibus, Maria queria

apenas chegar em casa e foi assassinada injustamente sem conseguir provar o seu caráter, sem conseguir se explicar e convencê-los de que não era aquilo o que pensavam.

Em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” temos Benícia, que assim como Maria, é mãe, mulher e filha. Acobertada pelos mesmos medos que Maria, e silenciada pelo mesmo motivo. Nesse conto, Benícia tem quase certeza de que o seu filho está envolvido em atividades ilegais, mas prefere não falar e não aceitar o dinheiro dele, pois sabia que para aquele dinheiro estar ali, ele precisou ser tirado de outra família, de maneira injusta. Ela precisava, mas preferia trabalhar e ganhar pouco do que depender do dinheiro do filho. De qualquer forma, a boa índole dela não a poupou de viver o luto do assassinato da filha Zaíta. Duas mulheres, duas histórias de vida destruídas pela sociedade.

No tocante à ideia transmitida pelo livro, este é de caráter memorialístico, mas também retrata experiências individuais que constroem experiências coletivas de mulheres negras, pois todas são marcadas diariamente pelas fragilidades. Desse modo, seguem empenhadas pela busca da representatividade na sociedade, a formação da independência, o poder de vez e voz diante dos opressores e a continuidade dessa luta tão necessária na vida de cada uma.

A literatura afro-brasileira vem para denunciar o conceito de racionalização e o legado da escravidão na formação brasileira, com a estratégia de romper o clássico e instaurar uma tradição mais real na sociedade. Visto que:

Em vez de uma nação homogênea, criada pelos grandes intérpretes do Brasil, que excluía negros e indígenas ao diluí-los no amálgama chamado “Brasil mestiço”, o que vemos agora é a eclosão de vozes que narrativizam outras histórias, outras versões sobre a nação (Figueiredo; Pinto, 2013, p. 152).

Além do mais, uma parcela da população brasileira reconhece que a abolição da escravidão no Brasil, não se concretizou da forma que deveria ser e que os negros pensavam que fosse. Somente uma parcela, pois nem todas as pessoas tem conhecimento e consciência da dimensão que foi a escravidão, libertaram-se apenas de seus donos, ou seja, agora eles não eram obrigados a trabalhar sem remuneração.

No mais, a realidade não foi a esperada, o que aconteceu foi somente a alforria dos negros. Se antes moravam permanentemente nas terras dos patrões e faziam de tudo sem ganhar recompensa, agora iriam trabalhar ganhando um suposto salário, bastante desvalorizado e humilhante, e que as vezes não restava nada, porque segundo o patrão era descontado o valor do que consumiam na Casa Grande. Todas essas situações aconteciam devido à condição de

serem negros, esses fatores prevaleceram cravados por muito tempo. Infelizmente, ainda existem situações como essas nos dias atuais, embora numa proporção menor:

O corpo negro é um corpo entranhado de saberes – trazidos de África e inventados, reinventados, transmigrados na experiência da diáspora. O corpo da mulher negra, em especial, ocupa um espaço ainda mais relevante para a produção de saberes. É através do corpo que as mulheres negras conseguiam certa liberdade, se assim posso chamar, pois além de mão de obra escrava, elas eram vistas também como corpos animalizados, incapazes de gerar subjetividades mais profundas, mas capazes de saciar as vontades sexuais dos senhores colonizadores ou as vontades domésticas das senhoras brancas (Vasconcelos, 2022, p. 20-21).

São fatos tão reais na contemporaneidade e tão próximos de nós, pois ainda hoje presenciamos em novelas, filmes e seriados a presença de uma mulher negra na cozinha e uma pessoa branca sendo o responsável pela casa. Nos contos mencionados anteriormente as personagens Maria e Benícia, ambas mulheres negras, moradoras da periferia, não tiveram oportunidade de estudar e precisaram desde cedo trabalhar nas cozinhas de seus patrões para levar o sustento para a família.

Nesse contexto, são estereótipos enraizados na sociedade em colocar a mulher negra em situação de vulnerabilidade diante das pessoas brancas. Entende-se que são marcas deixadas pela ancestralidade negra, mas que não deveria ser explorado somente este lado da mulher fragilizada, mas também sob o olhar de uma mulher forte e guerreira. Afinal, são as vivências da mulher negra, e sobre isso Evaristo menciona:

[...] creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo de palavras, das histórias que habitavam nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. Na origem da minha escrita, ouço gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversa de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez nossa única, defesa, o único remédio que possuíamos (Evaristo, 2007, p. 19).

Portanto, a exposição rotineira é muito grande para ser reconhecida só como uma mulher vulnerável. A partir disso, *Olhos d'água*, não é somente o título do livro, mas também representa os olhos de todas as mulheres que são abordadas em cada conto. São histórias

narradas a partir de vivências que, com muita certeza, foram passadas de geração para geração, uma vez que se Maria e Benícia eram mulheres adultas e maduras, e não tiveram acesso a escola, viviam em favelas, e para sobreviver precisavam trabalhar na cozinha dos outros, conseqüentemente construíram suas identidades a partir do que foram presenciando em suas casas com seus pais.

Em suma, são histórias vividas e repetidas sem nenhum reconhecimento da sociedade. Ao construir os contos, a autora planeja toda uma multiplicidade de interpretações para o leitor, pois ela não quer somente dar voz à mulher negra, quer tocar o interior de cada leitor, a fim de que acabe de vez esse silenciamento que ainda existe no mundo contemporâneo:

A literatura de Conceição Evaristo notabiliza-se, principalmente, pelas personagens mulheres negras que desarranjam os estereótipos estabelecidos pelo imaginário social. São profundas, marcadas pelas violências que as acometem, mas não se reduzem [sic] a elas. Conceição Evaristo rompe com qualquer expectativa de apenas focar nessas violências, ela vai mais a fundo, colhendo os sentimentos, as questões existenciais e sociais que perpassam a condição humana. Ela nos propõe uma reflexão que vai além dos já noticiados/estudados casos de pobreza extrema, subempregos, violações de direitos humanos, violência sexual, feminicídio e extermínio do corpo negro. Suas personagens procuram apropriar-se do mundo em que vivem e não de apenas estar nele e ser mais um ponto nas estatísticas (Vasconcelos, 2022, p. 17).

É um processo árduo de resistência para não desistir do processo da escrita e, conseqüentemente, das produções literárias, pois a busca pelo reconhecimento da Literatura Afro-brasileira não é só da autora Conceição Evaristo, é uma luta de um conjunto de pessoas que têm sua história contada por ela e que prezam pela representatividade e visibilidade social:

A literatura afro-brasileira contribui para a reafirmação da consciência negra, para a plena expressão do negro. Ter seu reflexo na literatura colabora para a afirmação da identidade dos afrodescendentes. Importa, também, na obra de Conceição Evaristo, destacar, além da preciosidade narrativa da escrita, o teor de denúncia social que emerge da tessitura poética, dando testemunho da marginalidade que atinge negros e pobres da sociedade brasileira (Pereira; Lisboa, 2019, p. 164).

É nesse contexto de busca pela representatividade e visibilidade que vai surgir a escrita da escrivência, que abordaremos no próximo capítulo. Assim:

O investimento nessa escrita feminina negra parte do ponto de vista quase sempre interno: fala-se de si e por si. A escrita de Evaristo revela-se importante, principalmente, pela quebra com o silêncio sobre tais

performances e atuações [...] revestida de vivências e enfrentamentos, brindamos com uma sabedoria lapidar (Pereira; Lisboa, 2019, p. 174-175).

Diante do que foi mencionado, podemos concluir que Conceição Evaristo abriu portas para a vida de muitas outras mulheres negras presas em seus profundos silêncios.

## 2 IDENTIDADE E ESCRIVIVÊNCIA NOS CONTOS EM ESTUDO

Este capítulo tem o intuito de analisar dois contos da obra *Olhos d'água* da escritora de literatura afro-brasileira Conceição Evaristo, a fim de ressaltar a importância da individualidade de cada ser humano e o seu testemunho de memória vivida.

### 2.1 MARIA

Em “Maria”, quarto conto da obra *Olhos d'água*, acompanhamos a história de vida e assassinato da personagem que dá nome ao conto. Personagem que um dia fora casada com um homem e agraciada com o nascimento do primeiro filho: duas vidas diferentes que foram conectadas e separadas pelo destino, deixando uma grande e irreparável perda. A autora aborda o conto dessa forma, pois no momento do assassinato de Maria, não morre só uma mulher, morre uma negra, mãe e trabalhadora.

Analogamente, Larissa Pinheiro da Silva (2023, p. 13) em seu Trabalho de Conclusão do Curso intitulado *As vozes das minhas ancestrais: a resistência e a existência da mulher na escrivivência de Conceição Evaristo*, afirma que: “O percurso histórico das mulheres negras é cercado por desigualdades, preconceitos e violências. Nessa perspectiva, é notável que estão nas margens da sociedade, sem direitos básicos e sem nenhuma oportunidade para alguma ascensão social”. Logo, é perceptível que a personagem vivencia esse percurso histórico e social para sua construção identitária constante.

A partir daí, Evaristo narra todos os acontecimentos detalhadamente, de maneira que o leitor se sensibilize com uma história tão forte e trágica, mas não distante de nós. Porque assim é a escrita de Evaristo, um testemunho escrito, uma memória vivida e uma vivência literária.

Nesse âmbito, parafraseando Simone de Beauvoir (1967, p. 9), quando ela diz: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Podemos dizer que ninguém nasce com uma identidade, mas sim a constrói-se ao longo da vida. Desse modo, no que diz respeito à identidade feminina de Maria, já é uma identidade construída, pois se trata de uma pessoa madura, com filhos e responsabilidades. Todavia, calada pela sociedade, oprimida e negligenciada diante da classe social e dos fatores históricos que carrega na pele:

O preço da passagem estava aumentando tanto! [...] Ela levava restos de comida. [...] A gorgeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de



desentupir o nariz. Daria também para comprar uma lata de Toddy (Evaristo, 2014 p. 39).

A partir do trecho do conto, fica perceptível o quanto a identidade diz respeito sobre quem a pessoa é. Por isso, ela é criada ao longo da vida e moldando-se conforme as experiências e aprendizados adquiridos. Tal que, no trecho citado, ela não se preocupa com ela própria e sim com os filhos, gesto digno e simbólico de uma mãe, sempre colocar o bem-estar do filho em primeiro lugar. Além disso, pode-se notar ainda o fato da personagem se colocar como um ser inferior em relação à patroa, pois o que era resto de comida para ser jogado fora tornou-se comida de verdade para os filhos da empregada. A gorjeta, um gesto simbólico da dona da casa, mas para Maria era a salvação para a cura da gripe das crianças. Tudo resumido a uma troca, porque a chefe de Maria só fez isso em troca do seu serviço doméstico:

As mulheres pretas são vistas como alguém que sempre está apta a servir, a ceder seu lugar, suas demandas para os outros. É fundamental que a pauta de gênero caminhe junto com a pauta racial, pois a mulher negra é agredida por ambos os lados, dessa forma é imprescindível lutar por direitos femininos em comunhão com a luta racial (Silva, 2023, p. 13).

Sendo assim, esse é um estigma equivocado sobre a mulher negra, pois ela deve estar no lugar que quiser e, principalmente, ter o seu lugar de fala garantido. Para tanto, é necessária a constituição da sua individualidade. Nesse sentido, no que tange ao processo de construção identitária no eixo histórico e social tem-se que:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as) (Gomes, 2005, p. 43).

Nesse contexto, a identidade é aquilo que nos tornamos e praticamos. No conto, podemos fazer uma comparação: Maria era mãe e trabalhava em prol dos filhos, mesmo sendo apedrejada, nunca quis fazer revolta. Já o seu ex-companheiro, tornou-se o que ele achava que era melhor: abandonou a família para viver do crime. O que é chocante, pois ele renunciou a família para viver disso. O poder de construção da identidade é desafiador e o preço que se paga é altíssimo, como podemos perceber no seguinte trecho: “Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo,

um carinho no filho.” (Evaristo, 2014, p. 41). Desse modo, percebe-se o fardo pesado que ele carrega devido à sua escolha e, principalmente, o de Maria por estar sozinha com três filhos em um mundo repleto de desigualdade.

Diante da escolha do marido, Maria lida com a consequência irreversível. Ainda que nunca tenha se envolvido com o lado do crime, mas o fato de ser negra e estar conversando com ele e ser a única que passou ilesa do assalto, a prejudicou muito, assim como a seus filhos também: “Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes (...) negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.” (Evaristo, 2014, p. 41). O encontro acendeu em Maria a chama do amor que ainda existia por aquele homem, o único que ela havia amado, mas o homem que ela conhecia não era aquele que ela estava vendo. Ele não era uma pessoa ruim e agora tinha se transformado. Todo aquele momento inesperado dentro do ônibus deixou Maria aflita e sem saber o que fazer.

Maria estava com medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com a arma na mão... O medo da vida em Maria ia aumentando (Evaristo, 2014, p. 41).

Apesar de não ter sido assaltada, Maria foi violentada sem ao menos poder se defender, pois não tinha lugar de fala naquele ambiente. Não importava o que falasse, ninguém iria defendê-la ou pelo menos ouvir.

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (Ribeiro, 2017, p. 37).

Ninguém que estava naquele ônibus acreditava na inocência dela. Se já não bastasse a correria e desgaste do final de semana daquela festa na casa da patroa, ela ainda tinha que passar por tamanha injustiça na volta para casa. Segundo Zinani (2006, p. 25): “A voz da mulher sempre foi silenciada, o que a impediu de desenvolver uma linguagem própria”. Desse modo, é possível perceber o quanto o silenciamento bloqueia a vida em comunidade:

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes lá da frente. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto (Evaristo, 2014, p. 41).

O fato de a personagem já ter sua identidade definida não impede o silenciamento dela. O silenciamento da mulher negra, por vezes, se dá também como forma de resguardo do que pode acontecer a partir da quebra desse silêncio, mas como pessoas fortes e que não fogem à luta, elas não devem calar-se diante dos opressores, mas sim lutar pelo seu espaço como cidadã:

A conquista do espaço feminino acontecerá, de acordo com Showalter, na medida em que a mulher assumir seu discurso e, conseqüentemente, realizar uma arte e uma crítica centradas na figura feminina, de modo que ela adquira visibilidade e voz, subvertendo o silêncio milenar a que sempre foi submetida (Zinani, 2006, p. 25).

Partindo para o viés da escrevivência, temos a contribuição de Lidiane Vasconcelos (2022) que em sua dissertação de mestrado menciona que:

Conceição Evaristo causa não só uma fissura, mas uma verdadeira rachadura no fazer literário brasileiro quando cunha o conceito de escrevivência, pois, além de emancipar epistemologicamente o pensamento que historicamente foi marginalizado pela tradição, ela cria um suporte literário, no qual a tradição dos seus, sobretudo das mulheres afrodescendentes, conduzirá a uma contra narrativa que surge justamente da insubmissão à cultura dominante. Mais do que um conceito literário, a escrevivência é um aporte político no sentido de que foi pensado por e para que as mulheres negras pudessem perceber “que silêncios e silenciamentos pontuam vários momentos da trajetória das mulheres negras (Vasconcelos, 2022, p. 50).

No que diz respeito à escrevivência no conto em análise, pode-se concluir que Maria não quer o mesmo para os filhos. Ela almeja uma vida longa e protegida para eles. Não deseja que os filhos vivenciem o mesmo que ela, tal que menciona: “com eles tudo haveria de ser diferente.” (Evaristo, 2014, p. 40).

Em determinado momento da leitura, o leitor consegue perceber a forma como Maria conversa com si própria. É a forma que ela encontra para se libertar e não se sentir sozinha mais uma vez. É o refúgio que ela nunca teve, e naquele momento desesperador era a única coisa que poderia fazer, somente assim ninguém a poderia calar. É a escrevivência sendo revelada para o leitor, pois a partir da leitura do conto é possível refletir acerca dos sentimentos e medos mostrados pela personagem. Quando Evaristo usa de sua escrevivência para contar suas histórias, ela revela não só a sua identidade, mas também a identidade de muitas Marias espalhadas pelo Brasil, pois segundo Evaristo (2020) “a escrita de escrevivência é uma invenção de pessoas negras, pobres e femininas. Em que quem escreve é o personagem principal da

história, colocando para fora todo o seu pensamento, reflexão e empatia coletivamente com os demais grupos”. Assim, fica claro o que os textos de Conceição querem repassar para os leitores.

Além do mais, durante muito tempo a mulher foi vista como um ser fragilizado e dependente do homem. Um estigma travado e desmistificado ao longo do tempo, por mais que ainda não tenha sido erradicado totalmente pela sociedade. A mulher era vista somente como dona de casa e mãe, ela não tinha outra função a não ser cuidar da casa, dos filhos e do marido. Assim, era excluída de pensar intelectualmente e obrigada a viver desse jeito. É notório, que Maria também vivenciou esse entrave na sua ascensão social. Visto que, constatemente era vítima de injustiça social e racial devido à sua condição social e cor da pele. Por mais difícil que seja, a personagem não teve a opção de calar-se e exercer unicamente o papel de dona de casa e cuidadora da família. Maria era obrigada a trabalhar para trazer o sustento para dentro de casa, pois agora a vida não dizia respeito só a ela, mas também aos filhos e como mãe ela nunca iria abandoná-los. Dessa forma, enfrentava todos os dias os perigos da rua para não deixar faltar nada em casa. No entanto, em um certo dia a vida foi mais uma vez traiçoeira com ela, Maria foi brutalmente agredida até a morte, e mais uma vez sozinha.

Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar do melão? [...] Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. [...] Quando chegou a polícia o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (Evaristo, 2014, p. 42)

Portanto, esta análise justifica o uso do termo “escrevivência”. Trata-se de uma escrita que oferece a outras pessoas a oportunidade de se reconhecerem e acreditarem que, mesmo quando parece que estão sozinhas, não estão. Juntas, elas podem romper paradigmas. Ademais, Conceição Evaristo escreve não apenas para representar outras mulheres, mas, sobretudo, para expressar sua própria vivência — aquilo que enfrentou para conquistar seu espaço social. É uma escrita pensada e projetada para dar visibilidade a outras vidas, ao mesmo tempo em que busca sensibilizar os leitores a reescreverem seus próprios finais, recusando-se a permanecer estáticos diante das imposições sociais.

## 2.2 ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS

O segundo conto a ser analisado, intitulado “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, narra a história de uma mulher negra, solteira, mãe de quatro filhos, dois meninos e duas meninas gêmeas idênticas chamadas Zaíta e Naíta, que se diferenciavam pela fala. A história gira em torno de uma figurinha perdida e que tinha cheiro, e essa busca é muita grande e acaba em um trágico assassinato na rua violenta de casa, mas o foco principal desta análise é a figura feminina da mãe, Benícia.

Este é o sétimo conto da coletânea *Olhos d'água*, em que também abordaremos a análise da questão identitária e escrevivência. Levando em consideração a análise do conto, pode-se afirmar que a cultura é fundamental para a formação identitária, pois conforme Woodward (2000):

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. [...] somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais (Woodward, 2000, p. 18-19).

Nesse sentido, todo ser humano tem uma cultura própria que vem desde o seu nascimento ensinado pelos seus pais. Tudo isso acarreta na construção da identidade e, conseqüentemente, em vivências que, mais tarde, se transformarão em escritas para outras pessoas lerem como no caso da autora da obra, que fez de suas vivências histórias literárias e que hoje são chamadas de escrevivências:

O que a autora chama de escrevivência, seria uma maneira de preservar o narrador que lê a própria língua de uma forma particular e ao mesmo tempo coletiva. Suas experiências pessoais são convertidas numa perspectiva comunitária. O seu discurso sabota o oficial porque cria um devir mais justo e coerente com o povo que quer representar. Essa narrativa une experiência à linguagem para resgatar o passado ou vivificar a memória. Esse resgate possui uma dimensão política conectada a uma ideia de coletivo, que foge da representação e da inferiorização da história individual, e dialoga com o silêncio transgressor na medida em que insiste na resistência do povo silenciado e na persistência em cravar no campo da escrita essa lacuna existente pela ausência da representatividade (Côrtes, 2018, p. 56).

Contudo, para a população negra, a realidade é diferente, pois ela é vítima de racismo, desigualdade e injustiça social. Por serem tão excluídas da sociedade, Evaristo escreve sobre essas pessoas para mostrar o quanto são importantes e que devem ser respeitadas. Afinal, todas

têm algo para repassar, todas têm uma cultura e isso as tornam únicas e não diferentes. Conforme afirma Cuti: “A literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (Cuti, 2010, p. 13), ou seja, a literatura é o principal meio pelo qual podemos mudar esse esteriótipo da sociedade e formar pessoas intelectuais e dispostas a viverem de forma civilizada coletivamente.

Nessa perspectiva, o conto narra a história de uma família que mora numa favela, onde são desprovidos de condições mínimas para sobreviver, como saneamento básico. A casa é muito frágil, pois sofre riscos de enchentes devido às fortes chuvas. Benícia é a mãe, ela é quem trabalha para colocar tudo em casa. Assim como Maria no primeiro conto analisado, ela é quem se arrisca todos os dias na rua para trazer o sustento para dentro de casa.

No que tange à formação identitária de Benícia, ela já é construída ao longo do tempo, por se tratar de uma pessoa adulta, mãe, responsável e ciente dos seus desejos e sonhos que quer alcançar. No entanto, vítima de uma sociedade que reprime a mulher negra, que a dispõe numa posição de inferioridade e inutilidade, não dá oportunidade de vez e voz e a coloca em um contínuo silenciamento. Diante disso, “A escrevivência é um aporte político no sentido de que foi pensado por e para que as mulheres negras pudessem perceber que silêncios e silenciamentos pontuam vários momentos da trajetória das mulheres negras” (Vaconcelos, 2022, p. 50). Nesse caso, a identidade e a escrevivência são dois fatores que andam juntos, e que juntos dão visibilidade à luta pela representatividade da mulher negra. Além do mais, quanto à questão do “não poder de fala”, “Há que se estudar a qualidade dessa não-voz, dessa não-fala, desse não-grito, escolhido ou imposto” (Evaristo, 2009, p. 9).

No conto, é possível perceber o quanto é desgastante a forma como Benícia é tratada e o quão repetitivo é, ela sempre chega estressada do trabalho e a forma como trata as crianças ao ver a bagunça dos brinquedos, diz respeito a tudo aquilo que sofre no caminho de volta para casa. Ela não recua para as meninas, pelo contrário, age de forma resistente moldando a identidade das gêmeas. Afinal, para ela é assim que as filhas vão entender o que deve ser ou não ser feito. A família é o primeiro incentivo para a constituição da identidade:

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento (Evaristo, 2014, p. 72).

Diante do estilo de vida que levavam, um dos filhos de Benícia era revoltado com aquela situação precária. Não tinham dinheiro suficiente para fazer a compra do mês, uma moradia de qualidade, os recursos eram muito escassos e, quando adquiriam, acabavam muito rápido. Indignado com a situação em que se encontrava, ele abandona a ideia do exército, vai procurar um caminho mais “fácil” para ganhar dinheiro e acaba se envolvendo com o lado do crime. Por morar na favela e o ambiente ser propício para tal atitude, a escolha dele foi irreversível. Logo, no que diz respeito ao valor identitário, o dele foi totalmente contrário ao de sua mãe. Por mais que necessitasse, Benícia nunca deixou de ser honesta e ir contra seus princípios e crenças:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (Hall, 2003, p. 109).

Diante da citação de Hall, percebe-se que a identidade de Benícia não diz respeito ao que ela é ou de onde ela veio, mas sim sobre qual tipo de pessoa ela poderia se tornar e representar, caso aceitasse o dinheiro do filho. Ela estaria indo totalmente contra aquilo em que acreditava, embora, por vezes, tenha sentido vontade de aceitar, devido à vida tão sofrida que levava com os filhos. Porém, nunca quis o dinheiro do filho para ajudar nas despesas de casa, pois sabia que, para aquele dinheiro estar ali, havia sido tirado de alguma família de forma cruel e que essa família agora poderia estar passando pela mesma situação que ela. Aceitar seria ajudar o filho a praticar a ação:

A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda (Evaristo, 2014, p. 75).

Dessa forma, fica claro o quanto Benícia era firme quanto à sua identidade. Por mais que tivesse a oportunidade de acabar com o cansaço e a falta de dinheiro, ela recusava, pois o ambiente em que cresceu e a cultura que adquiriu, moldaram sua identidade. Além do mais,

Rossi (2010, p. 24) afirma que: “A memória, sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”. Assim, em nome de tudo o que vivenciava diariamente e todas as memórias que carregava, ela jamais ajudaria outra família a passar pelo que ela passava.

O peso de trabalhar e cuidar dos filhos diariamente era tão grande sobre Benícia, que ela descobre já tarde que o filho é envolvido com o lado do crime:

Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde de pequeno, ele vinha cumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando (Evaristo, 2014, p. 74).

A descoberta não foi tardia, ela já desconfiava, mas preferia ficar na dúvida do que ter a certeza. Isso se dava pelo fato da vida corrida e cobrança diária de que tinha que trabalhar para sobreviver com os filhos. Além disso, tem-se a questão da resistência ao silenciamento, a sua voz não tem participação ativa na sociedade, ou seja, tudo o que fala a torna refém. Isso, vai dando vez à vivência dela, que mais tarde vai se tornando escrita, pois todas as obras de Evaristo possuem esse teor memorialístico e representativo:

O que a autora cria é uma literatura na qual os sujeitos-personagens e suas memórias coletivas outrora excluídos, são trazidos para o centro da poética e auxiliam na construção de um futuro no qual a população negra, de maneira geral, e a mulher negra, de forma mais específica, poderá ocupar um espaço que é seu por direito dentro da literatura e da vida, longe de estereótipos e que realcem a cosmovisão afrodescendente (Vasconcelos, 2022, p. 51).

A identidade e escrevivência estão juntas no âmbito social e histórico da mulher negra. Ao mesmo tempo em que ela constrói sua identidade, já está moldando vivências, criando memórias, aprendizados e decepções. Tudo isso vai formando uma bagagem cultural irreversível, pois nada e nem ninguém conseguirá apagar o que a mulher negra passou/passa todos os dias. Levando em consideração a escrita do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, temos Benícia, uma mulher negra, pobre, que enfrentava todos os dias os perigos da rua para trazer o sustento para os filhos. Mesmo sabendo que não são histórias reais, podemos concluir que tudo que é retratado pelas personagens tocam de alguma forma o ser de várias mulheres negras espalhadas pelo mundo que encontram na escrita de Conceição Evaristo a sua vivência transformada em escrita.



Conceição Evaristo cria, na literatura afro-brasileira, a escrevivência, para mostrar o quanto temos que nos espelhar e aprender com essa comunidade que se mostra cada dia mais resistente, mesmo diante de barreiras que surgem a cada novo amanhecer, com o intuito de desmistificar os estereótipos criados pelo imaginário social.

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2020, p. 2).

Portanto, viver é escrever, é contar para o mundo as dores e as conquistas. Além disso, escrever em nome de muitas pessoas, pois não são histórias únicas, existem várias pessoas que tem suas histórias contadas em cada conto do livro *Olhos d'água*.

### 3 A VULNERABILIDADE SOCIAL DA MULHER NEGRA

No presente capítulo, será abordada a questão da vulnerabilidade social e suas implicações em diferentes contextos. Logo em seguida, será exposto como essa vulnerabilidade contribui como um entrave para a ascensão social da mulher negra com base nas falas e ações das personagens em análise.

#### 3.1 VULNERABILIDADE SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES

A vulnerabilidade é a condição de fragilidade de um indivíduo ou família, no que diz respeito à questão do bem-estar de todos. Além do mais, trata-se de uma criação da sociedade, do meio social que impõe decisões e limites sobre as pessoas e as coloca em situações precárias perante as outras que são favorecidas. Sobre a origem desse termo, tem-se que:

O conceito de vulnerabilidade surgiu na década de 1980, como resposta à epidemia de Human Immunodeficiency Virus (HIV)/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids), referindo-se às pessoas que apresentavam uma gama maior de fatores associados à ação patogênica do vírus. Percebe-se, assim, que esse conceito estava relacionado à saúde, resultante de um processo de interseções entre o ativismo suscitado pela epidemia do HIV/aids e o movimento dos direitos humanos. Isso fez com que a vulnerabilidade fosse inserida em discussões da saúde pública, ganhando maior notoriedade e espaço, o que a fez avançar para além do conceito epidemiológico de risco, grupo de risco e comportamento de risco (Scott, 2018, p. 602, *apud* Ayres, 2009, p. 122-123).

Nesse sentido, é possível constatar que é um termo bastante conhecido e vivenciado pela sociedade. Nessa perspectiva, convém analisar, como é que ocorre essa situação na vida dos cidadãos. É notório, que, há muitos anos, as famílias não tinham condições de manter um estilo de vida digno, muitas vezes sem recursos para o próprio sustento, tal realidade não é distante de hoje, pois ainda é possível encontrar casos assim no mundo. Tudo isso acontece devido à pobreza, desemprego, baixa escolaridade, discriminação racial, de gênero, violências, falta de segurança, acesso precário aos serviços públicos e a falta de uma moradia adequada. Todos esses fatores acabam colocando os indivíduos na miséria, reféns da vulnerabilidade social:

E é esse olhar ampliado que indica, que a vulnerabilidade cresce nas situações de falta de acesso à informação, aos serviços básicos de educação e de falta de confiança ou credibilidade na sustentação de estratégias de ação, deixando, assim, evidente um deslocamento na atribuição da condição de

vulnerabilidade, que já não se constitui como característica própria do indivíduo, mas como resultado combinado de determinados arranjos sociais e políticos que vão incidir sobre os sujeitos (Da Costa; Hillesheim, 2022, p. 508, *apud* Guareschi, 2007, p. 23)

Nesse sentido, pode-se afirmar que a situação de vulnerabilidade ocorre com pessoas em estado de carência e que dependem fortemente de emprego, escolaridade, moradia, entre outras situações necessárias para a sobrevivência do indivíduo como já citado, mas sem nenhuma dessas melhorias a população fica sujeita ao estado de vulnerabilidade. Vale ressaltar que as mulheres estão mais reféns desse processo do que os homens, pois estão sujeitas à violência física, de gênero, racial, dentre outras, diariamente.

Para, de fato, tratar da vulnerabilidade e seus desdobramentos, há que se traçar uma linha imaginária dos diversos cenários em que ela está presente: crenças, raças, credo religioso e político. Inicialmente, abordaremos o processo da vulnerabilidade social quanto às crenças. As crenças estão voltadas para as experiências individuais de cada pessoa, pois cada um acredita naquilo que considera verdadeiro e essa convicção e aceitação de determinada coisa molda o ser humano no seu processo de escolha, atitudes e comportamentos diante das situações do dia a dia. Tal processo é necessário para a construção identitária e o bom convívio coletivo.

No entanto, as crenças estão presentes de forma positiva e negativa. Isso vai depender de como ela está sendo propagada na sociedade. Desse modo, surge a vulnerabilidade social no âmbito das crenças, como o trabalho trata da figura feminina negra, citaremos como exemplo a mulher negra que foi associada como uma pessoa “má”, “raivosa” e “que servia somente para trabalhos domésticos”. Tais características propagadas no meio social contribuem para a sustentação da crença de que a mulher negra realmente é isso, pois a crença não precisa ser uma ideia concreta ou comprovada. Ela diz mais sobre a aceitação de pessoa por pessoa. Nesse sentido, a vulnerabilidade social quanto ao fator crença se propaga e contribui ainda mais para a desvalorização da mulher negra, uma vez que “a desvalorização não é pura causalidade ou consequência do ódio racial perpetuado previamente, mas um método de controle social” (Viana, 2021, p. 3). Logo, a crença não é um termo banal no âmbito da vulnerabilidade.

Nessa perspectiva, quanto ao termo raça, no desdobramento da vulnerabilidade, pode-se afirmar a questão da desigualdade de raça existente até os dias de hoje. Por exemplo, o tratamento que é dado à pessoa negra em diferentes lugares, sendo colocada em posição de inferioridade aos outros, de modo que a justificativa dada é o seu processo de construção histórica como fator determinante para a desigualdade. Diante disso, convém citar como exemplo a oferta de emprego para diferentes raças, em que a mulher negra sempre fica refém

do emprego doméstico, isto é, como colocar o serviço do lar único e exclusivamente para pessoas negras. Conforme afirma (Santos; Silva. 2022, p. 1856 – 1857): “As mulheres negras ficaram restritas aos serviços domésticos das casas dos brancos e nos serviços pesados nas lavouras, causando o seu embrutecimento e a invisibilidade da sua dupla ou tripla jornada de trabalho”. Nesse sentido, o fator da vulnerabilidade social de raça acaba propagando o apagamento da visibilidade feminina negra.

Seguindo o percurso da linha imaginária, vale analisar o item credo religioso no campo da fragilidade social. Convém falar que a religião é um termo que sofre várias implicações, pois existe toda uma estrutura de discriminação e preconceito religioso sobre o que o outro crer. A partir do momento que tal postura é colocada em prática, surge também a vulnerabilidade social e religiosa. No campo da figura feminina, a crença religiosa era a única maneira de acreditar que o sofrimento pelo qual estava passando iria acabar, mas mesmo assim era oprimida e discriminada naquilo que acreditava. Além disso, o credo religioso da mulher negra era a forma dela se manter viva e ter uma história protagonizada por si própria, pois sob um viés cristão pode-se afirmar que “A Bíblia foi interpretada pela religião cristã através de um viés moral que busca definir comportamentos, relações, organização familiar e social, trabalho, valores e foi utilizada para impor essa cultura.” (Vasconcelos, 2022, p. 58-59). Assim, o credo religioso é para a mulher negra como a cultura que ela podia usufruir com a sua gente, era a forma que poderia sentir-se viva e útil e não somente como doméstica e reprodutora, por mais que continuasse vulnerável a classe dominante.

Por fim, fechando esse eixo com o tema da vulnerabilidade política, esta diz respeito ao não poder de escolha e de liberdade de expressão. Uma pessoa que não é livre para fazer suas escolhas está sujeita a viver oprimida pelo sistema, silenciada e refém da classe dominante:

O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, fez com que nos últimos dez anos o número de assassinatos de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o de mulheres brancas caiu em 10%, segundo o Mapa da Violência de 2015. Falta um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento da violência contra a mulher. A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não segue identidades em detrimentos de outras (Ribeiro, 2018, p. 125).

Assim, é possível perceber que o silêncio da mulher negra a corrompe em todas as áreas de sua vida. Conclui-se que a vulnerabilidade não está associada somente a questões de

desigualdade social, ela tem um misto de desdobramentos e cada um tem suas implicações e renúncias, especialmente para a figura feminina negra.

### 3.2 A MULHER NEGRA NO CONTEXTO DA VULNERABILIDADE SOCIAL

Refletir sobre o sofrido entrave para a ascensão social da mulher negra, requer um raciocínio profundo que vise dar conta do processo de construção identitária, a conquista pelo seu espaço na sociedade e o direito de ir e vir como qualquer outra pessoa. Afinal, essa reflexão analisa também o estigma que historicamente denomina que o lugar da mulher negra é o serviço doméstico com baixa remuneração e sem reconhecimento profissional e pessoal:

Outro ponto de destaque é o número maior de mulheres negras relacionadas ao trabalho doméstico. Essa categoria de trabalhadoras, em muitos casos, não tem seus direitos salariais adquiridos conforme à legislação que regula o trabalho doméstico. Muitas trabalham em várias casas como faxineiras, não adquirindo vínculos trabalhistas que fazem com que consigam seus direitos legais (Cruz, 2020, p. 51).

É essencial considerar melhorias nas condições de trabalho para a mulher negra que está nesse processo de vulnerabilidade social, mas vale lembrar que somente a inserção no mercado de trabalho digno não é suficiente para resolver esse problema:

A inserção dessas categorias de mulheres no mercado de trabalho não é suficiente para a superação da pobreza. Faz-se necessário, também, acesso a bens e serviços públicos de qualidade. O que marca a situação de pobreza e da maioria das pessoas negras é a qualidade precária de direitos sociais (Cruz, 2020, p. 51).

A vulnerabilidade está associada a pessoas que não tem oportunidades de trabalho dignas, moradia, saúde e bem-estar, bem como necessidades básicas para a sobrevivência do indivíduo. No entanto, quando entendemos o conceito de vulnerabilidade, entendemos que é um significado amplo, pois uma pessoa que está vulnerável em alguma dessas áreas, também vai estar vulnerável a outros aspectos, uma vez que um colabora com o outro. Mas isso não significa que ela sofrerá todos esses danos seguidamente, porém estará mais suscetível a passar por essa situação:

A pobreza vivenciada pelas mulheres negras é outro fator impactante que contribui para a opressão sofrida por elas. Suas necessidades básicas, tais

como: acesso a serviços e bens governamentais gratuitos e subsidiados, propriedade, serviços de consumo básico, níveis educativos não são contemplados pelo poder público. A presença de mulheres negras entre as pessoas pobres é um reflexo das desigualdades sociais como gênero e raça/etnia, os quais orientam as desigualdades econômicas e sociais (Cruz, 2020, p. 50).

Essa situação de vulnerabilidade acontece quando as pessoas não são tratadas de forma igualitária em todos os âmbitos de sua vida, não tem um trabalho digno, já recorrente da falta de escolaridade e também de oportunidade, disparidade social, marginalização e discriminação. Assim, pode-se afirmar que, quem está sujeito a essa posição são pessoas de baixa renda, a população negra, crianças e adolescentes, pessoas com deficiência e em situação de rua, que vivem à margem da sociedade, excluídas pelo sistema:

No que diz respeito à questão racial, a predominância da população negra entre os mais pobres é uma realidade na sociedade brasileira e deve ser enfrentada pelas políticas sociais. A situação de pobreza entre as mulheres negras e de baixa escolaridade faz com que as mesmas fiquem suscetíveis a condições precárias, o que dificulta sua situação econômica. Além disso, durante muitos anos, impôs-se às mulheres pobres e negras o seu papel como sendo inferior na sociedade (Cruz, 2020, p. 51-52).

Assim como nos contos em estudo, a vulnerabilidade social resulta em olhos d'água, pois no conto intitulado “Maria” percebemos o quão é triste a vida que levava. E, em um dia qualquer, quando ela estava muito feliz porque levava restos de comida que sobrou da festa para os filhos e uma gorjeta, em um simples “sopro” perde a vida, devido a uma pessoa que a abandonou e seguiu o caminho do crime:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para a casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa (Evaristo, 2014, p. 39).

Com base no trecho citado, é possível perceber o estado vulnerável de Maria na sua fala. Ela estava muito feliz porque tinha ganhado restos de comida, certamente a remuneração que ganhava no trabalho era pouca para arcar com todos os gastos da casa e dos filhos, e o que parecia um simples gesto para a patroa, que ia jogar sobras de comida no lixo, para Maria era algo de grande valor. Analogamente, Montgomery (1997, p. 97) afirma que “O que é alimento para um pode ser veneno para o outro. É um erro acreditar que o bom exclui o mau”. Portanto, é a relação que acontece entre a patroa e Maria.

No conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” temos Benícia, mulher negra e mãe, que sabe o tipo de trabalho que o filho faz e por isso não aceita seu dinheiro, trabalha e luta todos os dias para trazer sustento para dentro de casa, ainda que seja pouco. Ao mesmo tempo em que se cuida tanto para que não aconteça nada com os filhos, é surpreendida com o assassinato da filha:

Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isso acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, principalmente do segundo [...] Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão (Evaristo, 2014, p. 72).

Nesse trecho, também é possível encontrar as marcas da vulnerabilidade em Benícia. O quanto ela estava desgastada daquela vida que levava com os filhos, tanto que não suportava mais ver a bagunça em casa, pois já bastava o dia cheio de problemas que tinha fora de casa e ainda ter que encontrar a casa bagunçada e as crianças brigando. Era muito desgastante e ela acabava descontando a raiva nas gêmeas. Além disso, o fato de seu filho ter uma arma em casa a deixava muito aflita e com medo, tornando-a vulnerável ao menino, com receio de acontecer alguma coisa de ruim com ele ou com as meninas, e até com ela própria. Assim, como forma de se resguardar com as filhas buscava o silêncio como resposta para todas as perguntas das filhas e do seu próprio consciente, pois ela entendia que o filho queria ganhar dinheiro, mas não entendia o motivo dele se sujeitar a tamanha exposição e violência, uma vez que ela sempre falou dos perigos que isso poderia trazer no processo de criação dos filhos.

Ademais, era essa a máscara que as personagens usavam. Elas tinham que agir bruscamente com os filhos, pois eram uma família que nunca conquistou nada fácil, mas também o sistema nunca facilitava sequer alguma coisa:

O que percebemos no universo feminino (é claro que existem exceções), dentro dessa cultura, é que poucas mulheres têm coragem de ser elas mesmas. A maioria adota papéis, veste máscaras e usa disfarces [...] essas máscaras transferem-se para o corpo (Montgomery, 1997, p. 71).

Nesse viés, entende-se que o termo máscara usado pelo autor se refere a todas as vezes que a mulher negra deixou de viver ou fazer alguma coisa que gostasse. Até mesmo sair na rua como um ser humano normal e digno de caminhar pelas calçadas, sem precisar se preocupar em ser alvo de comentários maldosos.

Além do mais, convém analisar alguns pontos da vulnerabilidade sofrida pelas personagens nos contos. Primeiro, pode-se dizer que elas vivem à margem da sociedade devido à sua cor de pele e ao lugar que ocupam no meio social, vivem nas favelas, local marcado pela grande concentração de pessoas baixa renda. Segundo, com base na leitura, concluímos a ausência da figura masculina na obra e, nas poucas vezes que aparece, é machista, colocando a mulher como chefe de casa, sustentando financeira e emocionalmente a família sozinha, sem nenhum amparo. Terceiro, o fato de serem a chefe de casa e viverem para o sustento dos filhos as deixam sem perspectivas de ir em busca de formas de reconhecimento e dos direitos básicos de todo cidadão. Tudo isso se dá pela classe social que ocupam, a pobreza, o que conseguem é só para a sobrevivência.

Dessa forma, entende-se que são situações como essas que colocam Maria e Benícia em estado de vulnerabilidade social e, junto a isso, acarreta no entrave para a ascensão social de ambas, colocando em prática, também, o silenciamento como estratégia de resguardo da opressão da sociedade.

A representatividade das personagens de Conceição Evaristo se estabelece ao retratar de diversos ângulos a mulher de periferia. Da sua obra, emerge o essencial, que provém das imagens reais dos subúrbios das grandes cidades: sofrimento, invisibilidade e sujeição se mesclam à capacidade de denúncia, resistência e força a partir do corpo próprio representado na literatura (Pereira; Lisboa, 2019, p. 164 - 165).

Através da leitura da obra é possível perceber que ela foi criada para fortalecer a dedicação da busca pela representatividade feminina negra, bem como da escrita afro-brasileira. Os contos têm em comum o tema da violência, ambos tratam de abrir um debate como forma de conduta para a sociedade que não leva a sério tamanha humilhação e que, de certa forma, naturaliza toda essa agressividade com o ser humano. Conforme Cruz:

Maria, como muitas mulheres pertencentes à classe social desprivilegiada, estabelece uma relação com o mundo através da sua força de trabalho. Maria transita diariamente da favela ao centro, testemunhando, todos os dias, as destoantes diferenças de recursos que são destinadas ao centro em detrimento da periferia (Cruz, 2020, p. 80).

Analogamente, não só a personagem Maria, mas também a personagem Benícia tinha experiência e testemunho para comprovar todos os sofrimentos que passava constantemente e não era valorizada e nem reconhecida por ninguém. Os contos mostram de forma detalhada cada acontecimento e nuances das personagens, pois são histórias de rápido entendimento, mas



por outro lado, se lermos com atenção, podemos perceber que é muito mais forte do que imaginamos:

São mulheres representadas nos contos e cedem seus corpos para compreendermos os silenciamentos e violências impostos pela história. Elas traduzem com seus corpos a violenta política e a soberania exercida por meio dos silenciamentos e da opressão. São mulheres diluídas nas expressões de um tempo controverso (Pereira; Lisboa, 2019, p. 160).

O grande dilema do processo histórico da mulher negra foi o silenciamento, este que a levou a calar-se diante de opressões, tornando-se negligenciada e excluída do sistema, tal que hoje ainda é possível perceber como um grande déficit deixado na humanidade.

A mulher, ao conquistar seu espaço social, é bombardeada por críticas, pois, pelos olhares da hegemonia masculina, é vista como ser inferior que deve ser dominado e “guiado” pela cultura masculina. Até então, a civilização ocidental é construída pelo viés do patriarcado, criador da ideologia que trata a mulher como hierarquicamente inferior, negando-lhe a autonomia e a subjetividade. Tais motivos também as impulsionaram na definição do seu papel na sociedade (Cruz, 2020, p. 49).

Nesse viés, podemos refletir que não importa o quanto a população negra se proteja dos ataques violentos, silenciamentos e apagamentos sociais, a sociedade nunca pensa em quem foi a vítima, o que se observa é que não se trata de toda mulher negra, mas sempre de uma mulher negra. A mulher negra sempre é colocada em posição de culpa diante da vulnerabilidade social e de todas as frustrações passadas, que as levam a pensar em desistir e recuar de que dias melhores possam existir, colocando-as em situação de olhos d’água, chorando, sem expectativas de que um dia possam ser reconhecidas e respeitadas de forma igual perante a sociedade. A partir disso concluímos que, conforme Montgomery (1997, p. 61) “Muitas dores são enigmáticas, pois não se encontram causas orgânicas para elas”. Neste caso, não se encontram causas para tanta desigualdade entre os seres humanos.

Desse modo, no que tange a esse processo abordado na Literatura, entende-se como algo extremamente necessário, uma discussão obrigatória, uma vez que contribui para vários âmbitos como o social, o racial, o de gênero, o político e o religioso. Outrossim, faz-se necessário tratar as questões de identidade, escrevivência e vulnerabilidade da mulher negra, pois é preciso que a sociedade tenha conhecimento da história e luta desse povo e que assim possam ser reconhecidos e valorizados:

A Literatura, ao representar a realidade, evoca elementos da história e, associando-os à capacidade criativa do autor, estimula questionamentos acerca da realidade e da sua (re)construção. As personagens representadas nas narrativas de Conceição Evaristo traduzem o cotidiano das populações afro-brasileiras, historicamente marginalizadas e propensas a um contexto de violência física e simbólica. No bojo dessa reflexão, a literatura torna-se porta-voz e um grito diante das atrocidades e silenciamentos históricos. A periferia passa a ser representada no campo literário, na música, nas artes plásticas, teatro e cinema a partir de suas particularidades (Pereira; Lisboa, 2019, p. 163).

Quando abordamos o eixo da valorização, estamos tratando não só da valorização da figura feminina negra, assim como também não nos referimos somente ao direito de vez e voz da mulher negra, mas também buscamos o conhecimento da literatura negra, pois é através dela que será possível conquistar de fato o seu lugar de fala e ocupar espaço na sociedade. Somente juntas é que estarão ao alcance de conquistar a visibilidade que um dia foi tão ocultada e se tornarem protagonistas de suas vivências pessoais:

É possível falar de lugar de fala e um dos objetivos do feminismo negro é marcar esse lugar. A literatura negra alcança a condição de vanguarda à medida que – e na medida em que – vai contra uma tradição literária que ignora a plenitude do negro em seus enredos. A literatura negra permite que o negro seja o sujeito de criação e não apenas objeto temático. A diferença entre literatura negra e temática da escravidão está na existência de um sujeito de enunciação revelador da consciência negra (Pereira; Lisboa, 2019, p. 164).

Portanto, Conceição Evaristo não escreve a obra *Olhos d'água* para falar somente das situações vulneráveis pela quais a mulher negra passa, mas também para ilustrar e representar a força e a garra dessa mulher, por isso faz uso, muitas vezes, do nome da personagem como título da obra para dar ênfase a luta da mulher negra, visibilidade, pois toda a obra é escrita com base em fatos reais, e cada vez mais se aproxima da realidade mostrando que “Faz-se necessário que a literatura afro-brasileira se torne, cada vez mais, conhecida, por trazer esse discurso que não estereotipa a população negra e seus descendentes, mas sim os valoriza, dá-lhes o direito de significar (Barros; Balisa, 2017, p. 75).

Conceição Evaristo une a Literatura aos estudos da mulher oprimida e excluída pela sociedade. De certa forma, a autora negra coloca milhares de mulheres, também negras, em um patamar de representatividade e liberdade, pois, segundo Montgomery (1997, p. 57), “Quanto mais a mulher correr em busca da identidade e autonomia pessoal de forma obsessiva, mais feroz será a luta”. Analogamente, quanto mais mulheres estiverem dispostas a representar essa

parcela da população que já foi tão rejeitada, mais forte e rápida será a vitória e o fim da sociedade opressora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito central deste estudo foi buscar (des)escrever sobre como a vulnerabilidade social da mulher negra configura-se como um elemento determinante na construção de sua identidade, sendo essa constituição subjetiva articulada e evidenciada por meio da escrevivência, enquanto prática discursiva que ressignifica experiências de opressão, resistência e pertencimento. Com base na compreensão de que a literatura é um artifício poderoso para a liberdade de vez e de voz, sobretudo no caso da mulher negra, observa-se que essa representatividade e visibilidade foram conquistadas a partir do processo literário de reconhecimento, como evidenciado na obra *Olhos d'Água*. Nesse livro, a escrevivência é posta em prática e tornada pública, ao passo que revela com sensibilidade e profundidade aspectos como a violência, o abandono e a desigualdade social enfrentados por mulheres negras, a exemplo das personagens analisadas.

O trabalho iniciou-se com uma breve abordagem sobre a trajetória biográfica e profissional de Conceição Evaristo, destacando sua relevância como escritora da Literatura Afro-Brasileira. Na sequência, apresentou-se a construção da obra *Olhos d'Água*, contextualizando historicamente os contos, que, embora ambientados em tempos passados, ainda ecoam nas vivências contemporâneas. O objetivo, além de contribuir com a inclusão da mulher negra na literatura e na sociedade, foi evidenciar o poder transformador do reconhecimento identitário da população negra como cidadãos livres e detentores de direitos garantidos por lei, o que reafirma o direito de existir sem julgamentos ou opressões.

Em um segundo momento, a análise voltou-se à construção identitária da mulher negra, abordando suas manifestações nos contextos sociais e históricos. Observou-se como o conceito de escrevivência se faz presente nesses âmbitos, servindo como ferramenta para reafirmação de subjetividades historicamente silenciadas. Tais reflexões permitiram compreender os processos de formação identitária da mulher negra, historicamente relegada à função de servir e privada de autonomia, bem como destacar a importância da escrita de Evaristo como instrumento de reconstrução simbólica e cultural. As personagens Maria e Benícia, presentes nos contos “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, foram analisadas enquanto representações dessas realidades.

Por fim, o trabalho concentrou-se na discussão da vulnerabilidade social e suas implicações na trajetória da mulher negra, considerando aspectos relacionados à raça, crença, classe social e política. Evidenciou-se como essa vulnerabilidade atua como obstáculo à ascensão social, a partir das falas e ações das personagens estudadas. Tal panorama revelou-se

necessário para refletir sobre os impactos da ausência de uma identidade construída historicamente e sobre a urgência de se promover representatividade e reconhecimento.

Ressalta-se, ainda, que esta pesquisa contribuiu para a compreensão do papel transformador da literatura, especialmente na vida de Conceição Evaristo, cuja escrita se firma como uma forma de resistência, memória e projeção social. Seu trabalho possibilita à mulher negra o reconhecimento de sua subjetividade e promove sua ascensão simbólica e social no contexto contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Nismária Alves David; BALISA, Fernanda Francisca. A violência contra a mulher negra no conto “Maria” de Conceição Evaristo. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, v. 7, n. 1, p. 72-82, 2017.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 51-60.

CRUZ, Jocelane Fernanda. *A interseccionalidade nos contos de Olhos d'Água, de Conceição Evaristo*. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2020.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DA COSTA, Sheryl Andreatta; HILLESHEIM, Betina. Ser Mulher Negra: Existência e Resistência nos Contos de Conceição Evaristo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 505-522, 2022.

DE ASSIS DUARTE, Eduardo; LOPES, Elisângela. *Conceição Evaristo: literatura e identidade*. Literafro/UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. *A literatura como arte da “escrevivência”*. 11 jul. 2016. Jornal O Globo. Entrevista concedida a Leonardo Cazes. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>. Acesso em: 16 mar. 2025.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Escritoras Negras: poesia, ficção, memória*. Belo Horizonte: Viva Voz, FALÉ/UFMG, 2010. p. 15-17.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (org.). *Mulheres no Brasil – Resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária (UEPB), 2009.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, N.; SCHNEIDER, L. *Mulheres no mundo – etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/ Editora Universitária – UEPB, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo; PINTO, Maria Leal. A escrevivência de Conceição Evaristo e a literatura como resistência: diálogos insurgentes em Olhos d'água. *Entretextos*, Londrina, v. 24, n. 3, p. 80–96, 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/50459>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação (org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/25091868/ALGUNS\\_TERMOS\\_E\\_CONCEITOS\\_PRESENTES\\_NO\\_DEBATE SOBRE\\_RELACAOES\\_RACIAIS\\_NO\\_BRASIL\\_UMA\\_BREVE\\_DISCUSSAO](https://www.academia.edu/25091868/ALGUNS_TERMOS_E_CONCEITOS_PRESENTES_NO_DEBATE SOBRE_RELACAOES_RACIAIS_NO_BRASIL_UMA_BREVE_DISCUSSAO). Acesso em: 28 mar. 2025.

GONZALLES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e conceito*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 236-256.

HALL, Stuart. Da Diáspora: *Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?*: Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2014.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTGOMERY, Malcolm. *Mulher: o negro no mundo*. São Paulo: Editora Gente, 1997.

PEREIRA (UFRJ), Humberto Gomes; LISBOA (UFOP), Natália de Souza. Análise decolonial das personagens femininas da obra Olhos d'água, de Conceição Evaristo. *ANTARES: Letras e Humanidades, [S. l.]*, v. 11, n. 22, p. 159–177, 2019. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/7101>. Acesso em: 7 maio 2025.

PLATAFORMA AFROFILE. *Foto da autora Conceição Evaristo*. Disponível em: <https://www.afrofile.com.br>. Acesso em: 13 mar. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSSI, Paulo. *O passado, a memória, o esquecimento*. Tradução Nilson Moulim. São Paulo: UNESP, 2010.

SANTOS, Fernanda Barros dos; SILVA, Sergio Luiz Baptista da. Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da covid-19. *Revista Direito e Práxis*, v. 13, n. 3, p. 1847–1873, jul. 2022.

SCOTT, Juliano Beck *et al.*, O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v.

24, n. 2, p. 600-615, ago. 2018. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682018000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Larissa Pinheiro da. *As vozes das minhas ancestrais: a resistência e a existência da mulher na escrivivência de conceição Evaristo*. Açailândia: UEMASUL, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uemasul.edu.br/items/15622332-0a03-4bfd-aae9-5f11c81afca6>. Acesso em: 15 abr. 2025.

VASCONCELOS, Lidiane Lima de. *As violências escrivividas em Olhos d'água, de Conceição Evaristo*. Orientadora: Rosana Cássia dos Santos. 2022. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237980>. Acesso em: 21 mar. 2025.

VIANA, Rubiana. Raça, gênero e classe na perspectiva de bell hooks. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 24, 2021. Disponível em:  
<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/66604> . Acesso em: 1 maio 2025.

ZINANI, Cecil. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Rio Grande do Sul: Educs, 2006.